

Revista Fermentario

Este trabajo tiene licencia [Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/). Fonte:

<https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/fermen/article/view/1518>. Acesso em: 19 out. 2023.

Referência

SOARES, Camila Ribeiro Castro; PATIÑO TORRES, José Fernando. Poliamor: Afinal o que a comunicação tem a ver com isso?. **Revista Fermentario**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 7-22, 2022. DOI:

<https://doi.org/10.47965/fermen.16.1.2>. Disponível em:

<https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/fermen/article/view/1518>. Acesso em: 19 out. 2023.



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 16, N° 1 (2022)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,

Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

Poliamor: Afinal o Que a Comunicação Tem a Ver Com Isso?

Poliamor: ¿Qué Tiene Que Ver La Comunicación Con Eso?

Polyamory: What Does Communication Have To Do With It?

*Camila Ribeiro Castro Soares*¹
(<https://orcid.org/0000-0001-5582-9914>)
*José Fernando Patiño Torres*²
(<https://orcid.org/0000-0002-3467-2839>)

DOI: <https://doi.org/10.47965/fermen.16.1.2>

Recibido: 22/03/2022

Aceptado: 08/08/2022

Resumo

Poliamor é uma forma contemporânea de relacionamento afetivo-sexual que se refere ao consenso e simultaneidade no envolvimento entre mais de duas pessoas. Para essa escrita nos interessou, especificamente, o estudo dos processos comunicativos na configuração subjetiva poliamorosa de uma relação afetivo-sexual entre três pessoas, conhecida como tríade ou trisal. A comunicação ocupou um lugar central em nosso estudo, enquanto um elo articulado para vincular a metodologia com base na Epistemologia Qualitativa de González Rey e a complexidade dos processos comunicativos na

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT).

² Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Universidade de Brasília (UnB).

configuração poliamorosa de um relacionamento afetivo-sexual entre três pessoas, ao assumirmos a negociação como um de seus valores centrais. A referência à configuração subjetiva, por sua vez, responde à categoria de subjetividade, segundo a Teoria da subjetividade também desenvolvida por González Rey. Nesse sentido, o conceito de subjetividade corresponde a uma perspectiva histórico-cultural, sendo concebida como uma dimensão psíquica processual, construtiva e não linear que rompe com as dicotomias sociedade/indivíduo, objetivo/ subjetivo e simbólico/ emocional. Desenvolvemos no percurso investigativo uma proposta de comunicação, que buscou seguir principalmente a concepção dos processos comunicativos com base na Epistemologia Qualitativa; o valor da estranheza, do estranhamento como potência comunicativa; e a noção de sujeito falante de Paul Preciado, para a negociação nos processos comunicativos de uma configuração subjetiva poliamorosa em uma relação afetivo-sexual na forma de trisal.

Palavras-chave: comunicação, poliamor, subjetividade.

Resumen

Poliamor es una forma contemporánea de relación afectivo-sexual que hace referencia al consenso y simultaneidad en el involucramiento entre más de dos personas. Para este escrito nos interesó específicamente el estudio de los procesos comunicativos en la configuración subjetiva poliamorosa de una relación afectivo-sexual entre tres personas, conocida como tríada o trijea. La comunicación ocupó un lugar central en nuestro estudio, como eslabón articulado para vincular la metodología basada en la Epistemología Cualitativa de González Rey y la complejidad de los procesos comunicativos en la configuración poliamorosa de una relación afectivo-sexual entre tres personas, cuando asumimos la negociación como uno de sus valores fundamentales. La referencia a la configuración subjetiva, a su vez, responde a la categoría de subjetividad, según la Teoría de la subjetividad también desarrollada por González Rey. En este sentido, el concepto de subjetividad corresponde a una perspectiva histórico-cultural, siendo concebida como dimensión psíquica en proceso constructivo y no lineal que rompe con las dicotomías sociedad/individuo, objetivo/subjetivo y simbólico/emocional. En el camino investigativo, desarrollamos una propuesta de comunicación, que buscó seguir principalmente la concepción de los procesos comunicativos basados en la Epistemología Cualitativa; el valor de la extrañeza, del extrañamiento como potencia comunicativa; y la noción de sujeto parlante de Paul Preciado, para la negociación en los procesos comunicativos de una configuración subjetiva poliamorosa en una relación afectivo-sexual en forma de trijea.

Palabras clave: comunicación, poliamor, subjetividad

Abstract

Polyamory is a contemporary form of affective-sexual relationship that refers to the consensus and simultaneity of involvement between more than two people. For this writing, we were specifically interested in the study of communicative processes in the polyamorous subjective configuration of an affective-sexual relationship between three people, known as triad. Communication occupied a central place in our study, as an articulated link to bind the methodology based on the Qualitative Epistemology of González Rey and the complexity of communicative processes in the polyamorous configuration of an affective-sexual relationship between three people, when we assume negotiation as one of its core values. The reference to the subjective configuration, in turn, responds to the category of subjectivity, according to the Theory of subjectivity also developed by González Rey. In this sense, the concept of subjectivity corresponds to a historical-cultural perspective, being conceived as a procedural, constructive and non-linear psychic dimension that breaks with the society/individual, objective/subjective and symbolic/emotional dichotomies. In the investigative path, we developed a communication proposal, which sought to follow mainly the conception of communicative processes based on Qualitative Epistemology; the value of strangeness, of estrangement as a communicative potency; and Paul Preciado's notion of speaking subject, for the negotiation in the communicative processes of a polyamorous subjective configuration in an affective-sexual relationship in the form of a triad.

Keywords: communication, polyamory, subjectivity.

Introdução

O caráter inter e transdisciplinar compõem nosso interesse e atitude diante do acesso e construção do pensar e experimentar o mundo, além de marcarem também a própria Comunicação (França, 2001) e o espírito de nosso tempo. Sendo assim, valemo-nos desses caracteres para refletir e fundamentar o que a Comunicação tem a ver com o poliamor. Nesse sentido, vamos seguir alguns rastros para dizer que a Comunicação tem tudo a ver com o poliamor. De modo reverso, nos pareceria interessante indagar ainda: como pode a Comunicação não se a ver com essa conversa?

Dito isso, evidenciamos que tal engajamento intelectual e teórico se dá a partir de nossa disposição de articulação, pois é seguro que são múltiplas as entradas possíveis para acessar e criar esse diálogo e a mais óbvia provavelmente ocorreria pelas mídias como objeto mais afamado na área da Comunicação (França, 2001). Então, uma informação importante a considerar é a chave que faz abrir nossa conexão com a Comunicação para essa escrita, quer dizer, o olhar direcionado ao próprio processo comunicativo na configuração subjetiva de uma relação poliamorosa entre três pessoas.

Interessa-nos, mais especificamente, o lugar que a comunicação ocupa em nosso estudo, enquanto um elo que possibilita vincular a metodologia com base na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2010) e a complexidade dos processos comunicativos na configuração poliamorosa de um relacionamento afetivo-sexual entre três pessoas, ao assumirmos a negociação como um de seus valores centrais (cf. Anapol, 2010; Klesse, 2011).

Nesse sentido, o poliamor se apresenta como uma forma de relacionamento afetivo-sexual contemporânea que se refere ao consenso e simultaneidade no envolvimento entre mais de duas pessoas, sendo que a configuração em consideração nessa escrita está direcionada para uma relação poliamorosa grupal entre três pessoas, conhecida como tríade ou trisal (Anapol, 2010; Pilão; Goldenberg, 2012; Reis, 2017).

Por sua vez, quando falamos em configuração subjetiva nos aportamos à categoria da subjetividade, segundo a Teoria da subjetividade e sua base epistemo-metodológica, a Epistemologia Qualitativa, ambas desenvolvidas por González Rey. O psicólogo cubano formulou i) a comunicação, em sua forma dialógica, ii) a singularidade e iii) uma abordagem construtiva-interpretativa como os pilares para compreender sua proposta epistemo-metodológica (González Rey, 2010). A subjetividade, então, numa perspectiva histórico-cultural, ganha uma dimensão psíquica processual, construtiva e não linear, rompendo com as dicotomias sociedade/indivíduo, objetivo/subjetivo e simbólico/emocional, em que as configurações subjetivas dizem respeito às dinâmicas psíquicas mais estáveis produzidas por e produtoras de sentidos subjetivos diante das experiências, relações e espaços sociais que como indivíduos vivenciamos (González Rey, 2013, 2016a, 2016b).

Desse modo, serão três os rastros que vamos seguir para dizer do valor e do lugar da comunicação nessa escrita sobre o poliamor. O primeiro deles parte da argumentação provocativa da professora – de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais – Vera França no artigo *Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?*. Fazemos uso de sua reflexão para colocar em movimento a

concepção de comunicação que apoiamos e da qual recebemos apoio desde a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da subjetividade.

O segundo rastro, que se trata de receber e comunicar-se com o outro como estrangeiro e, em extensão, como habitante de um mundo diverso, é posto em marcha por dois «intercessores» (cf. Deleuze, 1992): o livro *Por que amamos* do professor de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Renato Noguera, e um trecho da produção cinematográfica do diretor canadense Denis Villeneuve, *A chegada* (*Arrival*, no original, 2016).

Sobre a última pegada, a saber: o *Manifesto contrassexual* da até então filósofa espanhola Beatriz Preciado – que desde 2015, em seu processo de transição de gênero, é Paul Preciado – que nos oferece a noção de sujeito falante; dizemos que parece ser prensada com uma grande força pelo impacto que (nos) gera sobre a base patriarcal, capitalista, hetero-cis-mononormativa que ainda serve de estrutura social moderna.

Com isso em vista, passamos a seguir, então, nossa primeira indicação.

Comunicação – o x da questão

Ao ingressar neste rastreamento, adotamos para o percurso uma postura que se expressa em duas vias: assumimos a comunicação como eixo de estabilidade dinâmica da existência humana e buscamos voltar à atenção para o (registro do) valor do diálogo, dos próprios processos comunicativos, para a Comunicação através da investigação da configuração subjetiva de uma relação poliamorosa entre três pessoas. Desenvolvemos essa postura como contraponto à percepção da acentuada e coerente estima e centralização que o estudo das mídias tem para a Comunicação (França, 2001), na verdade como fenômeno marcador do mundo globalizado e tecnológico em que vivemos, algo que indubitavelmente não colocamos em questão, mas que deliberamos seguir em direção contrária.

Já nesse ponto, a argumentação da pesquisadora Vera França nos alcançou de maneira precisa e cara. França (2001) propõe outras formas de tratar a comunicação que vai ao encontro de nossa perspectiva.

Trata-se de tomar a comunicação como:

- um processo de troca, ação partilhada, prática concreta, interação – e não apenas um processo de transmissão de mensagens;
- atenção à presença de interlocutores, à intervenção de sujeitos sociais desempenhando papéis, envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos – mais do que simples emissores e receptores;
- identificação dos discursos, formas simbólicas que trazem as marcas de sua produção, dos sujeitos envolvidos, de seu contexto – e não exatamente mensagens;

- apreensão de processos produzidos situacionalmente, manifestações singulares da prática discursiva e do panorama sócio-cultural de uma sociedade - em lugar do recorte de situações isoladas (França, 2001, pp. 15-16).

Portanto, para a finalidade dessa escrita não nos serve partir de um estudo da comunicação das teorias norte-americanas, por exemplo, seja da Escola de Chicago, da Semiótica peirceana ou mesmo da Escola de Palo Alto, que apresentam em comum uma orientação empiricista e pragmática, de teor predominantemente quantitativo, de estudos com objetos voltados para a comunicação mediática e modelos comunicativos – que concebem a comunicação como mais ou menos linear, simplificada e sistemática – (Araújo, 2010) centrados numa esquematização, com suas variações, de emissor □ canal/mensagem □ receptor.

Quando ponderamos que mesmo a Escola de Palo Alto com a elaboração de uma nova teoria da comunicação, mais complexa, circular e sistêmica, ainda não serve à concepção de processo comunicativo com a qual nos engajamos, isso se deve principalmente pela compreensão estritamente pragmática de comunicação defendida por seus teóricos, e pelo entendimento dos paradoxos, dos conflitos e das ambiguidades comunicacionais como desvios da autorregulação do sistema de comunicação (Said; Lima; Alves, 2017). Enquanto que para nós os conflitos possibilitam o desenvolvimento dos processos comunicativos e configuram a autorregulação da comunicação compreendida como sistema ativo e estrutura dialógica (González Rey, 1995, 2009, 2010, 2016a, 2016b; Patiño Torres, 2022).

Ainda, caso fôssemos nos ater somente aos aspectos simbólicos da comunicação, seria uma possibilidade nos valer, por exemplo, do enfoque semiológico do linguista Ferdinand Saussure, com toda a ênfase na (da) língua compreendida como um sistema arbitrário, estritamente social e como uma imposição à consciência do indivíduo de formas estáveis idênticas a si mesmas (Hall, 2006, p. 40; González Rey, 2013, p. 23). Entretanto, há uma esfera que nos é essencial nessa escrita e vai à contramão da abordagem estruturalista do pensador francês, a saber: a esfera subjetiva; a singularidade implicada nos processos comunicacionais.

Nesse sentido, encontramos e buscamos acompanhar os traços de Vera França (2001, p. 16), que nos contam da especificidade do olhar da comunicação a partir da integração elementar de três aspectos: a relação dos interlocutores; a produção de sentidos – aqui fazemos a especificação importante de nosso estudo: de sentidos subjetivos; e a situação sócio-cultural, à qual incluímos também a relevância do teor histórico. Somamos, então, a esses aspectos uma quarta dimensão para alcançar a concepção de

comunicação com a qual formamos aliança: as emoções, os afetos, com suas tonalidades das mais diversas e imprevisíveis, tão temidos e espezinhados no âmbito acadêmico e científico ortodoxo, empirista e positivista por serem recepcionados como ameaça a uma ideia de ciência e academia que se pretende(ia) pura, isenta e imperialista.

«Trata-se, portanto, o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações [...]; espaço de realização e renovação da cultura» (França, 2001, p. 16); da globalidade, circularidade e complexidade do processo comunicativo, como afirma a autora. Nessa altura, recuperamos e trazemos como aposta a proposição dos processos comunicativos a partir da Epistemologia Qualitativa e seu valor para a Comunicação. González Rey (1995) enfatiza o caráter subjetivo da comunicação humana, que se expressa tanto por formas verbais quanto não verbais, assim como afirma a importância de se considerar as motivações e necessidades das pessoas envolvidas nos processos comunicativos.

Com isso, temos marcadores diferenciais para compreender a comunicação, isto é, ela se configura como processo aberto, vivo e contraditório, ao mesmo tempo subjetivo, social e coletivo, no qual se registra a possibilidade de crescimento dos indivíduos envolvidos quando se está atento aos preconceitos e a formação de juízos de valores direcionados ao outro em função das diferenças (González Rey, 1995). Dito de outro modo, o que estamos corroborando, em companhia, é «o valor dos processos comunicativos para o próprio desenvolvimento humano» (Patiño Torres, 2022, p. 174) e, ainda, o fato de que a comunicação está além de um viés instrumental, de que é um espaço qualitativo relacional para o desenvolvimento da personalidade, mais especificamente da subjetividade (Patiño Torres, 2022).

Nesse panorama, a emoção deixa de aparecer apenas como epifenômeno, como causadora de ruídos indesejáveis aos quais rapidamente se tenta escapar, esconder e eliminar; passa, então, a ter seu espaço legitimado e valorizada sua capacidade produtiva junto aos recursos simbólicos, que, nessa trama, «se tornam referentes significativos na medida em que as relações entre as pessoas estão constituídas por formas comunicacionais geradoras de sentidos (subjetivos)» (Patiño Torres, 2022, p. 179). Os ruídos compõem a comunicação que ganha matiz qualitativo numa lógica configuracional, no qual «o conflito abre portas para a reflexividade. [...] O diálogo, então, abre passo para o reconhecimento, valorização e promoção da alteridade da constituição humana», como Patiño Torres (2022, p. 180) nos ajuda a pensar.

Em nossa perspectiva, a comunicação, entendida em forma de diálogo, é marcada pelas unidades simbólico-emocional, social-individual e histórico-cultural. Em específico, nos interessa a comunicação como via essencial para o desenvolvimento de uma relação, na medida em que essa vai passando por transformações, a partir das quais se faz necessário assumir mudanças nos próprios processos comunicativos. Nesse sentido, entendemos, então, que a falta de comunicação leva ao mascaramento e repressão dos desejos e necessidades. E que a alienação no (do) relacionamento acontece quando se distancia o processo de comunicação das necessidades das pessoas envolvidas (González Rey, 1995).

O linguista George Lakoff em companhia do filósofo Mark Johnson (2002, p. 47) falam sobre imaginar uma cultura em que a discussão —que aqui usamos para dizer da comunicação— seja vista como uma dança, feita de passos e (des)compassos e não como uma guerra (um embate, um combate), repleta de ataques e defesas. Ou ainda, buscando uma maneira análoga para expressar, uma cultura que seja voltada ao outro (González Rey, 1995), que estimule a necessidade de disposição mútua para a perspectiva alheia.

Essa ideia localiza a pista para nossos movimentos seguintes, sobre os quais vale ainda falar aqui —e para isso contamos uma vez mais com a presença de González Rey (1995)— que desde vertentes biologicistas e positivistas há uma desvalorização da subjetividade e da comunicação como constituintes da sexualidade, no entanto, tanto a sexualidade quanto os afetos são sensíveis aos processos de comunicação.

A estranheza como potência comunicativa

Adentramos essa seção reconhecendo a necessidade de dar um passo atrás antes de prosseguirmos; não nos enganemos, para que a preposição mude, isto é, para que em vez de ir de encontro ao outro possamos ir ao encontro do outro é preciso que o tenhamos feito em relação a nós mesmos primeiramente. A tarefa é árdua e contínua, não se trata de uma noção romântica de (auto)sacrifício ou de um estado de evolução que se atinge e está acabado, talvez se refira mais a um ponto de virada processual em que vamos percebendo que o mundo é um lugar de «cabeça para baixo» e que esse lugar ao avesso é estranhamente familiar.

Esse recuo diz respeito ao imperativo de se conectar com as próprias emoções, de criar vias de comunicação com as necessidades de si mesmo, de contatar, a princípio, o outro e a multiplicidade no próprio processo ativo de subjetivação que nós mesmos vivenciamos, para em seguida tornar possível a sensibilidade de enxergá-lo ao redor. O que estamos manifestando é que

é impossível amar, seja lá como for, sem antes conhecermos a nós mesmos. O autoconhecimento é o primeiro e fundamental degrau para que sejamos capazes de buscar o que precisamos e para que, inclusive, saibamos identificar o tipo de amor que melhor nos convém (Nogueira, 2020, p. 48).

Soa clichê, com ares de utilitarismo, talvez seja um risco que tenhamos de correr nesse lugar de atravessamento; cuidar do elementar que guarda em si o germe da própria complexidade ou como escutamos em um momento de partilha de ideias na virtualidade de aulas presenciadas na realidade de um mundo pandêmico: precisamos dominar o tradicional para não sermos devorados por ele. A palavra dominar, no sentido que ganhou para nós, está muito mais relacionada com uma ideia de incorporação do que ao seu habitual uso colono-patriarcal-capitalístico de subjugação.

bell hooks (2000) —falecida no momento em que escrevemos esse texto e a quem prestamos nossa homenagem e gratidão— nos ensina sobre o amor ser uma ação, a arte da junção do sentimento e da ação, e que para conhecer o amor, primeiro é preciso aprender a responder nossas necessidades emocionais. A pensadora feminista afirma que o amor não se trata de conquista, nós dialogamos com ela para argumentar que se trata de cultivo. É o amor que nos tem e só nos resta, portanto, transformá-lo em ação – como escutamos também, dessa vez em uma oficina de imaginação compartilhada. «Uma ação possui sempre uma dimensão coletiva, política e espiritual. E o amor não foge a essa regra» (Nogueira, 2020, p. 50).

Como fazemos amor é como fazemos política, arriscamos ainda dizer que a recíproca parece ter validade. Encontrar a modalidade de relação na qual consigamos declarar nosso afeto revela que «o amor é uma arte político-afetiva. [...] amar é um ato político, e, como todo fazer político, o amor enfrenta desafios» (Nogueira, 2020, p. 123). Todos os formatos de opressão bloqueiam a manifestação da experiência amorosa, é preciso uma atitude de abertura e disponibilidade de comunicação contínua para vivenciar o amor, isso não é possível sem antes «sair do paraíso», «cair em si», experimentar a queda que permite deslocar o outro e a si mesmo da posição de objeto amado para sujeito amado. Na prática esse é um acontecimento que ocorre de modo paradoxal, contraditório e repleto de ruídos.

Ao voltar um passo temos a possibilidade de ampliar o campo de visão e diante disso criar perspectivas novas para seguir. Tal aspecto vale tanto para essa escrita, como também para a vida, para as comunicações nos relacionamentos, que é o que nos interessa aqui. Então, é importante considerar que os tipos de relações são marcados também por aspectos histórico-culturais, nesse caso o poliamor demanda espaço nos tempos atuais, é uma modalidade pós-moderna de afeto e de vivência da sexualidade. Como disposição para escuta e comunicação dos desejos e afetividades entre os

indivíduos envolvidos, «o poliamor exige um esforço diferente, que envolve o respeito e a sensibilidade aos desejos e às necessidades do outro» (Noguera, 2020, p. 83).

Nesse panorama, a questão, então, é: como se comunicar? Para isso, acompanhamos a indicação mais direcionada de Noguera (2020): entrar em contato com o outro como um estrangeiro. A aceção de estrangeiro aqui se desvencilha de uma conotação negativa. Neste cenário, o compromisso é com um exercício de recepção não preconceituosa, não estereotipada e menos xenofóbica possível. Como estrangeiros, portanto, pode haver idiomas mais próximos, até mesmo dialetos de um idioma comum, mas também outros mais distantes. Por isso a necessidade de atenção aos processos comunicativos e a disposição de aprendizagem do idioma do outro.

O conceito deleuziano de intercessores, que mencionamos na entrada dessa escrita, faz referência ao que permite colocar em movimento um texto em nosso caso, sejam os intercessores uma pessoa, uma ideia ou um objeto, eles são companheiros de estrada (Deleuze, 1992). Pois bem, além dos que nos acompanharam até aqui, chamamos também, nesse momento, um trecho do filme *A chegada* que vai do minuto 42 até o minuto 43 e 30 segundos. O enredo dessa ficção científica como um todo é espetacular, conta a história de como, enquanto vivenciavam seu próprio romance, uma linguista e um físico conseguiram se comunicar com seres de outro planeta que pousaram na Terra. A narrativa propõe uma experimentação de tempo e espaço diversa da que conhecemos nos moldes cronológicos, algo como as outras noções e deuses gregos do tempo: tanto aion relacionado ao tempo como sentido e indefinição, quanto kairos como tempo qualitativo e oportuno; um conhecimento que recuperamos em um encontro sobre a importância da fantasia para a pesquisa.

Após conceder uma ideia geral sobre a sensível e inteligente produção cinematográfica, podemos nos voltar ao mais interessante para nossa escrita com o fragmento que selecionamos: a estrutura dinâmica oferecida enquanto proposição de comunicação através da frase *What is your purpose on Earth?*. Trata-se da importância de fazer perguntas, de entender que está sendo pedida uma informação para que se possa proporcionar uma resposta; da diferenciação entre um propósito coletivo, então compartilhado, de outro individual; de perguntar sobre a intenção, a motivação e a necessidade dos envolvidos. Desse modo, é sobre aprender a(e) se dispor ao idioma do outro para gerar possibilidades de inteligibilidade na comunicação e não exclusivamente ruídos.

Nesse sentido, «um relacionamento amoroso não é uma experiência entre conterrâneos, mas sim entre estrangeiros» (Noguera, 2020, p. 126), pede abertura às diferenças que denotam também uma dimensão individual, o que não significa individualista, da linguagem, na qual os processos

comunicativos se configuram de maneira complexa, sistêmica, constitutiva e dinâmica, «desde os quais as emoções vibram simbolicamente, ao mesmo tempo em que as produções simbólicas se articulam à emocionalidade com a qual se experimenta a vida» (Patiño Torres, 2022, p. 174).

Encaminhamo-nos, nessa altura, à última pista que dá passagem para um terreno um tanto mais insólito, mas que revela as instâncias de comprometimento que ainda estão ganhando forma, contornos, não exatamente formatos, no que tange «o fazer político da arte de amar» contemporânea que «está justamente em negociar constantemente, fazer e refazer pactos» (Noguera, 2020, p. 127), se comunicar.

Negociando entre sujeitos falantes

Ler Preciado é uma experiência corporal: eriça os pêlos, provoca fluídos, contrai e expande os orifícios, acelera os batimentos cardíacos e atíça o córtex cerebral; e anímica, porque gera abalos sísmicos na formatação onto-epistemológica de sistemas filosóficos, religiosos, políticos, científicos e psicológicos hetero-cis-monocentros da cultura patriarcal e capitalista. São aqueles «encontros que nos forçam a desorganizar modos conhecidos de viver e pensar» (Silva, 2017, p. 151).

Em *Manifesto contrassexual*, Preciado (2014) se articula a partir de uma postura de deslocamento das essencialidades e naturalizações, principalmente ao que diz respeito à sexualização e generização do corpo humano. Localiza uma posição crítica em relação aos sistemas de produção de identidades e promulga o corpo como o lugar de resistência à norma, se movimentando a partir de noções que estão mais próximas da diferença e da margem.

O nome contrassexualidade provém indiretamente de Michel Foucault, para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição (como aquela proposta pelos movimentos de liberação sexual antirrepressivos dos anos setenta), e sim a contraproduktividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna (Preciado, 2014, p. 22).

Se há algo que marca e é marcado por Preciado é a ousadia e, imaginamos também, a necessidade de vivenciar-pensar e dizer de formas outras de existir. Nesse sentido, são três as concepções trabalhadas por esse pensador dissidente —situado na fronteira, na travessia, na encruzilhada— que reclamaram presença e relevância nessa escrita, e que trazemos para o âmbito da comunicação e da negociação em uma relação afetivo-sexual poliamorosa, a saber: a noção de sujeito falante, a proposta de contrato contrassexual e a ideia de saber-prazer.

Para nós, a noção de sujeito falante desloca a ênfase no gênero e no sexo, essenciais na instituição da «sociedade disciplinar» (cf. Foucault, 1988), para localizá-la na comunicação. Dessa forma, «a sociedade contrassexual proclama a equivalência (e não a igualdade) de todos os corpos-sujeitos falantes que se comprometem com os termos do contrato contrassexual dedicado à busca do prazer-saber» (Preciado, 2014, p. 22). O estabelecimento de um contrato, que acompanhe as proposições de uma sociedade contrassexual, requer comunicação contínua e constante, posto que a concepção de contrato, nesse cenário, não se vale de uma condição vitalícia e imposta cultural e historicamente, mas sim de uma condição temporária e consensual.

Com a citação acima alcançamos, de uma vez, os três conceitos que tomamos emprestado do filósofo espanhol. Dizer da equivalência dos corpos-sujeitos falantes para a negociação de um contrato contrassexual implica colocar em destaque o valor da comunicação, também no sentido de contrastar a posição enunciativa dominante que os indivíduos ocupam no âmbito de relações sopesadas exclusivamente pela lógica do capital, do patriarcado e da monogamia. «Não se trata [...] de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação» (Preciado, 2014, p. 27). O que está em jogo é a apropriação de termos empregados com carga pejorativa e, muitas vezes, violenta em contextos normativos, para transformá-los em recursos de afirmação da própria diversidade de existências.

De modo que indique a possibilidade de «substituição desse contrato social que denominamos Natureza» —das nomações tidas como naturais ou naturalizadas (de gênero, sexo, raça e classe, por exemplo)— por um contrato contrassexual» (Preciado, 2014, p. 21). Trata-se de romper com operações de saber-poder que (querem) escrutinam(ar) o desejo do outro, para investir em alternativas que permitam gerar dinâmicas contraprodutivas de saber-prazer nos processos comunicativos de negociações entre sujeitos falantes no contrato contrassexual de uma relação poliamorosa entre três pessoas, no caso dessa escrita.

Os princípios que norteiam a proposição de uma sociedade contrassexual e, por sua vez, das negociações para um contrato contrassexual são sustentados, a partir de nossa compreensão, pelo estabelecimento de uma comunicação porosa, o que significa a abertura de espaços permeáveis, vacilantes e de cultivo de processos comunicativos, nos quais «os códigos da masculinidade e da feminilidade se transformam em registros abertos à disposição dos corpos falantes [...]» para «encontrar e propor novas formas de sensibilidade e de afeto» (Preciado, 2014, pp. 35-36).

Nesse âmbito, além dos supracitados, outro princípio para a proposição de um contrato contrassexual é que

A sociedade contrassexual demanda a abolição da família nuclear como célula de produção, de reprodução e de consumo. A prática da sexualidade em casais (isto é, em discretos agrupamentos superiores a um e inferiores a três de indivíduos de sexo diferente) está condicionada pelas finalidades reprodutivas e econômicas do sistema heterocentrado. A subversão da normalização sexual, qualitativa (hétero) e quantitativa (dois) das relações corporais começará a funcionar, sistematicamente, graças às práticas de inversão contrassexuais, às práticas individuais e às práticas de grupo [...] (Preciado, 2014, p. 41; grifos nossos).

nas quais a comunicação se vincule como um processo ativo que gere novos sentidos (subjetivos) em que «o sujeito é o protagonista dos processos de comunicação que, de forma permanente, expressam e modificam as representações sociais dominantes» (González Rey, 2016b, p. 115).

Sendo assim, trazer os conceitos trabalhados por Preciado abriga a composição do viés comunicativo que elegemos nessa escrita e deixa entreaberta a formulação de vias de comunicação para se criar e recriar fundamentos que sustentem a proposta, como a que segue, de um contrato contrassexual.

Contrato contrassexual para uma relação poliamorosa de trisal (Proposta)³

Eu, _____, voluntária e corporalmente, me reconheço e reconheço os outros corpos como sujeitos falantes e aceito, de forma consentida, não manter relacionamentos afetivo-sexuais naturalizantes e estabelecer relações afetivo-sexuais orientadas por contratos contrassexuais temporários e consensuais. Comprometo-me a investir em ações que problematizem privilégios (social, econômico, patrimonial) e obrigações (social, econômica e reprodutiva) derivados de minha condição afetivo-sexual no âmbito do sistema hetero-cis-monocentrado naturalizado. Renuncio aos privilégios e as obrigações que poderiam derivar das posições não equivalentes de poder. Comprometo-me em exercitar formas de comunicação que cultivem o valor das perguntas em vez das suposições, sendo que estas perguntas estarão engajadas com a abertura para o diálogo e não com o controle (do desejo) do outro. Comprometo-me a fazer da expressão e do ato de dar satisfação, não um mecanismo de cobrança e dever, mas sim uma prática da satisfação na convivência diária e na partilha de afetos, vulnerabilidades e desejos.

O presente contrato é válido por ____ meses (renovável).

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura

³ Adaptado do «Contrato contrassexual (modelo)», formulado por Preciado (2014, pp. 43-44).

***In()* conclusão**

Considerando os rastros que buscamos acompanhar ao longo dessa escrita, entendemos que eles nos permitiram atender a intenção de localizar o lugar que a comunicação ocupa em nosso estudo, estando esse lugar circulado pela vinculação entre a base epistêmica e metodológica da Epistemologia Qualitativa e a especificidade dos processos comunicativos envolvidos na negociação de um relacionamento afetivo-sexual poliamoroso entre três pessoas.

Então, desde a Epistemologia Qualitativa, apresentamos uma proposição de comunicação como sendo um processo através do qual são gerados novos sentidos (subjetivos) e novas ações em seu próprio curso. Nesse panorama, quando falamos da comunicação como sistema ativo e estrutura dialógica, desenvolvemos uma compreensão na qual o diálogo produz e é produzido concomitantemente pelos sentidos subjetivos dos indivíduos que estão envolvidos no processo comunicativo. Portanto, a comunicação não é entendida simplesmente como

um fenômeno linguístico, mas subjetivo, no qual intervém múltiplos registros que não são da ordem linguística, como as posturas, imagens, fantasias e emoções, que representam processos que podem não estar presentes na linguagem durante o diálogo (González Rey, 2009, p. 189; tradução nossa).

Por fim, o movimento de prosseguir no percurso com as indicações oferecidas por Noguera (2020), pelo recorte da produção cinematográfica *A chegada* e pela noção de sujeito falante de Preciado (2014), como também com a proposta de contrato desenvolvida, faz referência ao exercício intelectual e de práticas contraproducentes que estejam dispostos a criar e cultivar maneiras em que os processos comunicativos em(de) uma relação poliamorosa possam ganhar formas tangíveis de manifestação e investigação.

Referências

- Anapol, D. (2010). *Polyamory in the 21st century*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- Araújo, C. A. (2010). A pesquisa norte-americana. In A. Hohlfeldt; L. C. Martino e V. V. França (Orgs.), *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências* (pp. 119–130). Petrópolis: Vozes.
- Deleuze, G. (1992). Os Intercessores. In G. Deleuze, *Conversações* (pp. 151-168). Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal.

- França, V. V. (2001). Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? *Ciberlegenda*, (5) (ed. especial).
<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/download/36784/21359>.
- González Rey, F. (1995). *Comunicación, personalidad y desarrollo*. Habana: Pueblo y Educación.
- González Rey, F. (2009). El campo heurístico que define la especificidad posmoderna en psicoterapia. In F. González Rey, *Psicoterapia, subjetividad y postmodernidad: Una aproximación desde Vigotsky hacia una perspectiva histórico-cultural* (pp. 188-198). Buenos Aires: Noveduc.
- González Rey, F. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo, SP: Cengage Learning.
- González Rey, F. (2013). La subjetividad en una perspectiva histórico-cultural: avanzando un legado inconcluso. *CS*, Vol. 11, 19-42. <http://www.scielo.org.co/pdf/recs/n11/n11a02.pdf>.
- González Rey, F. (2016a). Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, Vol. 36 (3), 175-189. <https://doi.org/10.1037/teo0000045>.
- González Rey, F. (2016b). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. [Recurso eletrônico]. Trad. Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes.
- hooks, b. (2000). Vivendo de amor. In J. Werneck; M. Mendonça e E. C. White (Orgs.), *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe* (pp. 188-198). Trad. Maisa Mendonça; Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell. Rio de Janeiro: Pallas – Criola.
- Klesse, C. (2011). Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. *Laboratorium*, Vol. 3, (2), 4-25. <https://www.soclabo.org/index.php/laboratorium/article/view/250/586>.
- Lakoff, G.; Johnson, M. (2002). *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Educ.
- Noguera, R. (2020). *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil.
- Patiño Torres, J. F. (2022). O diálogo a três vozes na obra de González Rey: ontologia, epistemologia e método. In A. Mitjans Martínez; M. C. V. R. Tacca e R. Valdés Puentes (Orgs.), *Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais* (pp. 173-193), Campinas: Editora Alínea.
- Pilão, A. C.; Goldenberg, M. (2012). Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis* [S. l.], Vol. 13 (1), 62-73. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/14231>.
- Preciado, P. B. (2014). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições.
- Reis, J. B. G. (2017). *A construção de um relacionamento na perspectiva do poliamor*. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20245/2/Janaina%20Batista%20Gonzalez%20Reis.pdf>.

Said, G. F.; Lima, C. C.; Alves, T. M. (2017). Não leia este texto! A escola de Palo Alto e os paradoxos comunicacionais. *Comunicologia*. Brasília, UCB, Vol.10 (2), 70-84.

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/download/8793/5395>.

Silva, R. F. (2017). Por um modo de vida alegre. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, Vol. 35, (70), 147-157.

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2017v35n70p147-157>.